

AGRONEGÓCIO



Maracujá atrai produtores

Cultivo da fruta já ocupa três mil hectares no Espírito Santo, gera aproximadamente 15 mil empregos e produz 27 toneladas por ano

ZENILTON CUSTÓDIO

Sabor favorito do mercado mundial de sucos, superando concorrentes de peso como a manga, o abacaxi e a goiaba, o maracujá se apresenta como a principal novidade da fruticultura capixaba. Recomendada para todas as regiões do Espírito Santo, a fruta já ocupa mais de 3 mil hectares de terras no Estado.

O maracujá surge no cenário agrícola, sobretudo da Região Norte, onde a cultura predomina, como uma popular alternativa de diversificação. Sua introdução se dá

principalmente nas pequenas propriedades, onde o velho e tradicional café já não tem mais forças para garantir o sustento das famílias. A disseminação da cultura é resultado da organização de todos os componentes da cadeia produtiva.

Slogan

“Plante que a Bela Joana garante”. O slogan já faz parte do dia-a-dia dos produtores de maracujá do Norte capixaba. Trata-se de uma indústria

de polpas carioca que, desde o ano passado, arremata toda a produção da fruta, a partir do estabelecimento de um preço mínimo, que varia de acordo com a oscilação do mercado. Vale destacar, entretanto, que o custo do cultivo não é barato, uma média de R\$ 7 mil a R\$ 12 mil por hectare. Mas, se o problema é dinheiro, o Banco do Nordeste (BN) tem à disposição dos interessados linhas de crédito específicas para o setor, com juros subsidiados e pla-

nos de carência.

“Só não planta maracujá quem não quer”, destaca o secretário de Agricultura de Sooretama, Alcino Santos. Aliás, na cidade dele o incentivo parte da administração municipal, que distribui sementes e presta orientação técnica. Não é à toa que lá, dentro do planejamento do Sistema Integrado de Frutas desencadeado pelo Governo do Estado, foi implantado o primeiro pólo de fruticultura capixaba, que reúne 370 pro-

dutores. Eles cultivam a fruta em uma área de 1,2 mil hectares, a maior do Estado.

Mas o coordenador do Programa Estadual de Fruticultura do Estado, o engenheiro agrônomo Aureliano Nogueira da Costa, sugere cautela. Com a pressa em plantar maracujá, os produtores esqueceram de pelo menos um dos princípios básicos estabelecidos para qualquer cultura: boa produtividade.

Um plantio que tira pro-

veito de todos os recursos tecnológicos disponíveis no mercado poderia apresentar uma produção de até 85 toneladas por hectare. Entretanto, apesar do empenho do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), que promove cursos de capacitação quase diários sobre maracujá, a produtividade média das lavouras capixabas, destaca Aureliano, é de 27 toneladas, o que encarece, e muito, o custo do plantio. Quanto ao padrão, o fruto é considerado de boa qualidade.

FRUTA DOCE É MAIS RESISTENTE

Uma nova variedade de maracujá está despertando o interesse dos produtores de Sooretama. Trata-se do maracujá doce. A fruta pesa em média 500 gramas e o quilo está cotado a mais de R\$ 2,00. Está todo mundo de olho no plantio experimental de 600 plantas, coordenado pelos produtores Nivaldo Del Piero e Wantuil Rigato. Duas empresas locais já enviaram amostras da fruta para a Europa e aguardam resposta. O maracujá doce tem se mostrado altamente resistente às pragas e doenças.

O Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) já está desenvolvendo um trabalho de melhoramento do maracujá azedo, a partir de 18 materiais genéticos. As pesquisas, iniciadas há cinco anos, estão sendo coordenadas pela engenheira agrônoma com doutorado em fitotecnia, Adelaide de Fátima Santana. A proposta é a de encontrar a variedade preferida do mercado: um maracujá com maior teor de açúcar e de acidez mais acentuada. Alguns materiais deverão ser lançados em breve.



Áreas de plantio

Confira os números

Sooretama	1.000 ha
Linhares	700 ha
Pinheiros	230 ha
Jaguaré	200 ha
Pres. Kennedy	100 ha
São Mateus	80 ha
Boa Esperança	68 ha
Rio Bananal	50 ha
Aracruz	50 ha
P. Canário	50 ha

Total, considerando todos os municípios capixabas
2.697 hectares

OBS:

Os dados são do IBGE e se referem ao ano de 2000, quando foi realizado o último levantamento.

A proposta da Seag é de, no mínimo, dobrar a área plantada em seis anos.

A Gazeta Ed. de Arte

Fotos de Zenilton Custódio

Comparação

Acima, o maracujá doce (E) ao lado da fruta tradicional; abaixo, o maior produtor do Estado, Adalton Marin: ele teme que a inexperiência comprometa a cultura

Comparação

Acima, o maracujá doce (E) ao lado da fruta tradicional; abaixo, o maior produtor do Estado, Adalton Marin: ele teme que a inexperiência comprometa a cultura

PRAGAS E AMEAÇAS

Na língua tupi, maracujá quer dizer “alimento dentro da cuia”. O maracujá pertence à família das passifloráceas, que possui no Brasil cerca de 150 espécies nativas. É uma planta trepadeira.

Uma das principais ameaças à cultura do maracujá é representada pela broca-da-haste. Trata-se um minúsculo inseto que usa o aparelho bucal para cavar galerias na haste da planta. Isso ocorre no período de produção. O combate, recomendam os técnicos do Incaper, deve ser sistemático, pois o se a situação fugir do controle o plantio é totalmente arrasado. No comércio existem vários tipos de fungicidas recomendados para eliminar a broca.

Outro inimigo do produtor é a fusariose, doença fúngica que ataca vários tipos de culturas, como a banana, o abacaxi e o milho. O combate se dá por meio da pulverização da lavoura com produtos agrotóxicos.

Polinização manual

O processo de polinização manual do maracujá faz parte da rotina da cultura. Ela ocorre porque a população da mamangava, a abelha encarregada pela natureza para desenvolver esta atividade, é insuficiente para fazer o trabalho, já que as plantações são cada vez maiores. Para aumentar a fecundação das flores e, desta forma, garantir uma boa produção da fruta, os produtores recorrem a este método. Geralmente a tarefa é entregue às mulheres. Elas passam o dedo em uma flor e levam o pólen para outra planta.

materiais genéticos. As pesquisas, iniciadas há cinco anos, estão sendo coordenadas pela engenheira agrônoma com doutorado em fitotecnia, Adelaide de Fátima Santana. A proposta é a de encontrar a variedade preferida do mercado: um maracujá com maior teor de açúcar e de acidez mais acentuada. Alguns materiais deverão ser lançados em breve.

Empregos

O maracujá se destaca como uma das culturas que gera maior número de empregos no campo. São três pessoas por hectare de área plantada. Em Sooretama, por exemplo, com 1,2 mil hectares de lavou- ras, são 3 mil empregos diretos. Contando com as atividades relacionadas ao processo de polinização manual da flor e de carga e descarga, são cerca de 15 mil empregos no total. Os cálculos são do coordenador do Programa Estadual de Fruticultura, Aureliano Nogueira Costa, que tem doutorado na área de adubação de fruteiras.

PRODUTOR DESTACA QUE PLANTIO EXIGE CUIDADOS

A corrida indiscriminada para plantar maracujá poderá provocar mais danos do que benefícios. O alerta é do maior produtor da fruta no Estado. Dono de uma lavoura de 112 hectares, localizada em Sooretama, Adalton Marin afirma que a inexperiência de muitos produtores está comprometendo o desenvolvimento da cultura.

Ele se refere à disseminação de pragas e doenças a partir de plantações que não recebem os tratamentos elementares de manejo. Atribui a isso o fato da broca-da-haste estar avançando de forma perigosa sobre as lavouras de maracujá do Norte do Estado.

“De que adianta o produtor cuidar de sua lavoura se o vizinho não faz o mesmo”, questiona. Se medidas rigorosas não forem adotadas, adverte, a cultura poderá sofrer sérios comprometimentos.

Para Adalton, cultivar maracujá só compensa se a produtividade mínima for de 30 toneladas por hectare. Por isso, ele sugere que o produtor invista menos em expansão de áreas e mais na melhoria da lavoura. É o que pretende fazer a partir de agora.

